

Rota de migração é longa e cansativa

José Euflávio
Enviado especial



São 14h do dia 9 de agosto. Sexta-feira, em Campina Grande, a 120 quilômetros de João Pessoa. O ônibus da viação Planalto está estacionado no terminal rodoviário da cidade. Sisudo, num canto, Paulo Luiz de Moura, um velhinho de 72 anos, atende às ordens do motorista José Evanilson e começa acomodar suas malas, sacolas, sacos e mochilas no bagageiro do ônibus. O restante da família, de mais cinco pessoas, vai se despedindo dos amigos. As lágrimas são inevitáveis. Todos se espantam com o clic da máquina de Wanderley Pozzembom, fotógrafo do **CORREIO BRAZILIENSE**. Já estamos todos acomodados em nossas poltronas. Vai começar uma irritante e cansativa viagem de 43 horas, com destino a Brasília.

Ao todo, somos dez passageiros no ônibus. Seis desses são os membros da família de "seu" Paulo, de mudança para Brasília, onde esperam conseguir trabalho e casa para morar. Aposentado, com renda mensal de Cr\$ 18 mil 456, ele decidiu migrar para Brasília, onde mora uma filha sua. As passagens a família recebeu da Legião Brasileira de Assistência (LBA) e da Prefeitura de Bayeux, cidade-dormitório vizinha a João Pessoa. "Não tenho mais como viver aqui", constata.

O ônibus da Planalto vai a cem por hora, com destino a Patos, Paraíba, nossa próxima parada. O calor é insuportável na paisagem cinzenta do sertão paraibano. A viagem mais longa que "seu" Paulo fez na vida foi de Sapé para Bayeux, quando foi expulso de uma gleba de terra por gananciosos latifundiários da região. Aos 72 anos, doente da coluna, ele quase caiu para trás quando soube que a viagem duraria dois dias. "Então vamos para o fim do mundo", reagiu.

Uma filha de "seu" Paulo conseguiu um lote num assentamento do GDF em Planaltina. "Lá está fácil de se conseguir casa", ilude-se a esposa de "seu" Paulo, Tereza do Nascimento Moura. Todo dinheiro da família é Cr\$ 6 mil. A alimentação eles trouxeram da casa que deixaram para trás em Bayeux. E galinha caipira misturada a muita fari-

nha de mandioca, que servirá de sustento durante a viagem.

As 16h43 o ônibus chega a Patos. Logo é rodeado por uma multidão. 21 pessoas vão entrar aqui, 16 delas decididas a morar em Brasília. "Recebi a passagem da prefeita Geralda Medeiros, madrinha desse menino", denuncia Antuza Tavares, apontando para o pequeno Vinícius. A prefeita denuncia a administração da cidade de Patos, 270 quilômetros de João Pessoa. As outras duas famílias são de Catingueira e estão viajando "graças ao dinheiro da prefeitura local". Os migrantes entendem como um ato de bondade a atitude dos prefeitos que patrocinam as passagens. "Só precisei ir uma vez na prefeitura para conseguir a passagem", diz Severino Leite da Silva, que antes ganhava a vida em Catingueira pedindo esmolas com a mulher e os filhos.

Na entrada do ônibus começa uma discussão entre a mulher de Severino, Luzia Pereira da Silva, e o motorista Evanilson. Ela quer entrar com um gato no veículo, mas é impedida. "Daqui eu não saio sem levar ele com nós", diz, determinada. Uma caixa é conseguida e o simpático Mimoso pôde embarcar, com direito a aplausos das crianças.

Finalmente, partimos, agora com destino a Aparecida, onde há uma ligeira parada. Os migrantes compram redes. Manoel Bezerra Filho, presidente da Associação dos Produtores de Redes, diz que o comércio do produto melhorou sensivelmente nos últimos anos. "É muita gente que passa aqui, com destino a outros estados", acrescenta. Nossa próxima e última parada, na Paraíba, vai ser em Sousa. Depois vamos pegar um pequeno trecho do Ceará e entrar em Pernambuco, com destino a Salgueiro.

Em Sousa o ônibus lota. São 50 lugares, mas já somos 67, entre crianças e adultos. Muitos vão dormir estirados no corredor do veículo. O motorista Evanilson diz que o DNER proíbe a viagem de passageiros em pé, mas tem uma explicação: "É muita gente querendo viajar e temos poucos ônibus". Wanderley, o fotógrafo, brinca com um homem que põe as malas dos migrantes no bagageiro, perguntando se ele (o homem) é o Sousa, dono da cidade. O rapaz ameaça arrancar-lhe a cabeça. Sinto um frio na barriga quando vejo o homem tentando entrar no ônibus para pegar Wanderley. Principalmente, pelo tamanho da peixeira que ele conduzia.

VANDERLEI POZZEMBOM



O desembarque na Rodoferroviária de Brasília reflete o cansaço da longa viagem de 43 horas, iniciada em Campina Grande

21